



## **Protagonismo indígena no ciberespaço: uma busca pela comunicação contra-hegemônica?<sup>1</sup>**

Erica Morais Ribeiro NEVES<sup>2</sup>  
Tiago MAINIERI<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### **RESUMO**

Com a popularização da Internet e o surgimento do ciberespaço qualquer cidadão conectado pode divulgar notícias e inserir novos temas de debate na esfera pública. Diante deste novo contexto a pesquisa pretende refletir sobre as possibilidades dadas aos cidadãos ao apropriarem-se das mídias sociais como parte de um processo de construção da cidadania. Para conduzir essa reflexão, em um primeiro momento se analisam as concepções de cidadania virtual defendidas pelos teóricos da Era da Informação. Em seguida, tecem-se ponderações acerca do protagonismo indígena no ciberespaço. Por fim, busca-se compreender o que motiva cidadãos historicamente marginalizados pelos meios de comunicação tradicional a se engajarem na luta pelo direito de se auto-expressarem no ciberespaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** ciberespaço, cidadania, internet, democracia.

### **1 Introdução**

Com o advento da Internet o homem passou a ter acesso a todo o tipo de informação oriunda de qualquer ponto do Planeta. A popularização das redes sociais, em especial do *facebook* e do *twitter*, deu aos cidadãos conectados uma poderosa ferramenta de expressão. Por meio das redes, os usuários publicam qualquer tipo de conteúdo e podem participar de novas formas de manifestações e mobilizações sociais.

Nesse contexto, a histórica relação verticalizada entre mídia e sociedade ganha novos contornos, ao sinalizar a possibilidade de uma relação horizontal na qual o público “receptor” assume também o papel de “produtor” ou “emissor” de conteúdos. Seria demasiadamente apressado concluir que essa nova relação horizontal entre público e mídia representa uma mudança de paradigma em um sistema de comunicação

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT05 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 08 a 10 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Comunicação e Cidadania da UFG-GO, email: [emrneves@gmail.com](mailto:emrneves@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, professor do Mestrado em Comunicação e Cidadania da UFG-GO, e-mail: [tiagomainieri@gmail.com](mailto:tiagomainieri@gmail.com).



historicamente mancomunado com os interesses do capital no qual a informação tem caráter mercadológico. No entanto, o acesso às ferramentas de produção abre precedentes para a democratização da comunicação na medida em que temas antes relegados à segundo plano pela imprensa tradicional, como é o caso das questões indígenas no Brasil, podem agora ser debatidos pelos cidadãos urbanos por meio das redes sociais.

Diante deste novo contexto é importante atentar para o fato de que alguns grupos indígenas - dentre os quais encontram-se os Guaranis-Kaiowás - têm reconhecido a importância do uso das mídias digitais, sobretudo da internet, para o fortalecimento de seus movimentos de luta e resistência. A participação direta dos indígenas no ciberespaço possibilita um novo tipo de comunicação entre esses povos e os brasileiros urbanos e não índios, pois os conteúdos e os produtos dessas trocas simbólicas acarretam a transmissão de um tipo de informação que dificilmente seria acessada por brasileiros urbanos a partir da grande mídia.

Apesar das limitações inerentes a todas as formas de comunicação mediada, tais produções carregam consigo a possibilidade da emissão de vozes tradicionalmente não presentes nos meios de comunicação hegemônicos. Por meio do ciberespaço essas vozes sempre apresentadas por meio de um outro olhar - dos jornalistas - podem agora falar por si mesmas, tomando para si o lugar da enunciação. Embora muitas vezes a atuação destes coletivos se limite à esfera do virtual, as produções daí emergentes tornam-se particularmente significativas ao apresentarem novas visibilidades a respeito de grupos socioculturais excluídos pelos meios de comunicação convencionais.

Exemplos dessas produções podem ser encontrados, na internet, em portais como o blog da Aty Guasu ([www.atyguasu.blogspot.com.br](http://www.atyguasu.blogspot.com.br)) que agrega notícias, fatos históricos e até uma análise de notícias e reportagens publicadas na mídia tradicional sobre os Guaranis-Kaiowás e o perfil da Aty Guasu no *facebook*, atualizado periodicamente com notícias desse grupo indígena.

De início, é possível observar que no blog da Aty Guasu há uma grande quantidade de notas à imprensa e à Justiça do Mato Grosso do Sul. Notícias sobre assassinatos ou ameaças aos indígenas são amplamente divulgadas no blog. Há também textos que tratam acerca de especificidades culturais desse povo, direitos, meio ambiente, saúde, educação e outros. Esses assuntos são apresentados por meio de posts de autoria coletiva, representada pela Grande Assembleia Aty Guasu.



Tal inserção indígena no ciberespaço impulsiona os seguintes questionamentos: em que medida a utilização das novas tecnologias da comunicação por parte dos índios Guaranis-Kaiowás configura-se como uma tentativa de desmistificar aquilo que é veiculado pela imprensa tradicional a respeito desse grupo? Seria uma busca pela comunicação contra-hegemônica? Poderia ser também um grito de socorro desse grupo massacrado historicamente e vítima de um genocídio cotidiano?

Com a discussão proposta neste artigo, pretende-se refletir sobre a possibilidade de uma comunicação horizontal, onde a enunciação de vozes não hegemônicas ganha força por meio do ciberespaço. A partir da breve análise de uma experiência de apropriação das mídias digitais pelos índios Guaranis-Kaiowás, lançamos um olhar sob o protagonismo dos indígenas no ciberespaço.

### **Democracia virtual e cidadania global**

Se admitimos anteriormente que com o advento da Internet o homem passou a ter informação oriunda de qualquer ponto de planeta, é mister refletir acerca dos desdobramentos da cibercultura na vida política dos cidadãos em rede. No início da década de 1990, Octávio Ianni já sustentava a ideia de que a ordem internacional, e com ela o papel do Estado-nação, estava mudando.

Em suas reflexões sobre as interconexões globais o autor apontou para uma intensificação dos processos de decisão em contextos internacionais. Tais observações o levaram à conclusão de que a partir de tal internacionalização de atividades outrora consideradas domésticas, os dilemas enfrentados pelo cidadão do mundo se expandem e não mais se limitam aos aspectos políticos, ou jurídico-políticos; passando a envolver também os sociais, econômicos e culturais (IANNI, 1992, p.113).

Certamente a transição no sentido da integração da humanidade em um plano global está ainda numa etapa inicial. Mas já se pode perceber com clareza formas iniciais de um novo *ethos* de dimensão mundial, e em dimensão mundial. (IANNI, 1992, p.114)

Manuel Castells dá a esse novo *ethos* de dimensão mundial apontado por Ianni o nome de “Sociedade em Rede”:

A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é



processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos. (CASTELLS, 2010, p. 287)

Jesus Martín-Barbero (2010) corrobora essa ideia ao afirmar que a mundialização da cultura reconfigura também o sentido da cidadania. Nesse momento delinea-se no horizonte do ciberespaço uma “cidadania mundial” (Kymilcka apud Martín-Barbero 2010). Ao se perceber como pertencente à uma esfera internacional, o cidadão do mundo inaugura novos modos de representação e participação social e política, “pois também as fronteiras que constrangiam o campo da política e dos direitos humanos hoje não são apenas pouco nítidas, mas móveis, carregando de sentido político os direitos das etnias, das raças, dos gêneros” (Martín-Barbero, 2010, p.61).

A Internet está revolucionando a comunicação por sua capacidade de fazer a mídia tradicional entrar em curto-circuito, sustenta Castells. O novo modelo de difusão horizontal de mensagens, produzidas por cidadãos, dá aos mesmos a chance de criar um sistema próprio de comunicação e de emitir qualquer tipo de mensagem.

As relações de poder na sociedade em rede têm uma nova configuração. Embora este ainda seja exercido por meio do monopólio e pelo uso arbitrário daquilo que Castells (2012) denomina “mecanismos de manipulação simbólica”, observa-se o exercício do contrapoder por parte daqueles que resistem à dominação. Ao desafiar o poder embutido nas instituições da sociedade há o objetivo de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses.

O processo de construção de significado caracteriza-se por um grande volume de diversidade. Existe, contudo, uma característica comum a todos os processos de construção simbólica: eles dependem amplamente das mensagens e estruturas criadas, formatadas e difundidas nas redes de comunicação multimídia. Embora cada mente humana individual construa seu próprio significado interpretando em seus próprios termos as informações comunicadas, esse processamento mental é condicionado pelo ambiente da comunicação. Assim, a mudança do ambiente comunicacional afeta diretamente as normas de construção de significado e, portanto, a produção das relações de poder. (CASTELLS, 2012, p.11)

Castells ressalta que ao se engajarem na produção de mensagens e no desenvolvimento de redes autônomas de comunicação horizontal, “os cidadãos da era da informação tornam-se capazes de inventar novos programas para suas vidas com as



matérias-primas de seu sofrimento, suas lágrimas, seus sonhos e esperanças” (2012, p. 14) .

Dessa forma, os cidadãos conectados subvertem a prática da comunicação vertical, quase sempre controlada por empresas aliadas aos interesses do Capital e/ou do Estado. Quando colocam em rede aquilo que pensam e anseiam, esses atores têm em suas mãos a ferramenta que lhes dá a chance de lutar contra os poderes constituídos, oferecendo-lhes sua resistência que deixa de ser solitária ao se unir às milhares de vozes que ecoam diariamente no ciberespaço.

Castells denomina como híbrida essa esfera pública formada pelo espaço urbano ocupado e as redes sociais da internet. As comunidades instantâneas oriundas de tais conexões, na visão do autor, são de prática fundamental. No entanto, é preciso atentar para a importância da comunicação autônoma nesse novo espaço público.

A autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, ao permitir que o movimento se forme e possibilitar que ele se relacione com a sociedade em geral, para além do controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação. (CASTELLS, 2012, p.16)

Segundo André Lemos (2002) as novas tecnologias da informação devem ser consideradas em função da comunicação bidirecional entre grupos e indivíduos, escapando da difusão centralizada da informação massiva. Desse modo, não seria difícil constatar o que o autor chama de “falência da centralidade dos *media* de massa” já que nas novas tecnologias estão intrínsecas as noções de interatividade e descentralização da informação. Lemos pondera ainda que, por estarem mais próximos do tribalismo característico das culturas não letradas, os computadores em rede parecem ir em direção oposta àquela da cultura do impresso.

Parece que a homogeneidade e o individualismo da cultura do impresso cede, pouco a pouco, lugar à conectividade e à retribalização da sociedade. A estrutura piramidal do poder mediático massivo torna-se disfuncional na emergente cibercultura. (LE MOS, 2002, p. 76)

O ciberespaço, na definição de André Lemos, se constitui como essa estrutura comunicativa em que impera o modelo da livre circulação de mensagens. Por “livre” entende-se: ausência de um centro editor e arbitrário. As mensagens na rede podem ser produzidas e difundidas por qualquer usuário, o que possibilita que a comunicação seja feita de forma horizontal, aleatória, associativa e difusa.



A nova racionalidade dos sistemas informatizados age sobre um homem que não mais recebe informações homogêneas de um centro “editor-coletor-distribuidor”, mas de forma caótica, multidirecional, entrópica, coletiva e, ao mesmo tempo, personalizada. (LEMOS, 2002, p. 85)

De uma sociedade massificada passa-se a uma sociedade informacional, acrescenta Lemos. Na sociedade da informação o fluxo de dados continua tão grande como o era na sociedade de massa (ou até maior). No entanto, a diferença reside no fato de que os receptores de tais informações são também interagentes (Castells) e têm agora o poder de escolha e de busca daquilo que lhes interessa.

O que está em jogo nesse processo de digitalização do mundo é, segundo Adriano Rodrigues, o desaparecimento da instância legitimadora clássica do discurso: emissor e receptor fundem-se na dança de bits. (LEMOS, 2002, p.86)

Henrique Antoun (2008) observa que desde o início a internet deu aos movimentos sociais uma “crescente emancipação” que só foi possível por meio dos processos interativos da comunicação em rede. De acordo com as reflexões deste autor, a aliança entre interfaces de redes sociais nas quais se incluem os blogs “conduziu a uma revolta de dimensões planetárias ao transformar o negro Barack Obama em candidato a presidente do partido democrata dos Estados Unidos” (p.24).

Martín-Barbero (2010) acrescenta que o que está em jogo na Sociedade da Informação é uma profunda mudança no sentido da diversidade. Tal transformação é motivada pelo processo de globalização que expõe uma cultura às outras, colocando em evidência as identidades dos agentes envolvidos nessa exposição.

Isso implica constantemente o reconhecimento daquilo que constitui a diferença dos outros como enriquecimento potencial da nossa cultura, e uma exigência de *respeito* àquilo que, no outro, em sua diferença, há de intransferível, não transigível e inclusive incomunicável. (MARTÍN-BARBERO, 2010, p.61)

A partir desse reconhecimento mútuo possibilitado pela globalização e pela virtualização, Comunicação significará, na definição de Martín-Barbero (2010, p.69) “a colocação em comum da experiência criativa, reconhecimento das diferenças e abertura para o outro”. Nesse novo cenário o comunicador não mais desempenha o papel de



intermediário, mas de mediador das relações sociais. Tal papel requer dos mediadores o estímulo à narração e construção da identidade dos grupos sociais.

Não é com imagens baratas e esquemáticas dos indígenas, dos negros, dos primitivos que a imensa maioria dos discursos midiáticos, e especialmente a televisão, nos aproxima dos outros? E de forma parecida funciona o mecanismo de distanciamento: exotiza-se o outro, folcloriza-se o outro em um movimento de afirmação da heterogeneidade que, ao mesmo tempo que o torna “interessante”, o exclui do nosso universo negando-lhe a capacidade de interpelar-nos e questionar-nos. (MUNIZ SODRÉ apud MARTÍN-BARBERO, 2010, p.72)

Partindo dessa premissa levantada por Martín-Barbero retomamos nosso questionamento inicial acerca das motivações dos Guaranis-Kaiowás para a utilização das novas tecnologias. É fato que o pouco que se sabe acerca desses indígenas advém de uma narrativa midiática centralizadora e folclorizadora. Os estereótipos construídos sobre os indígenas brasileiros não diferem em grande escala das primeiras impressões narradas por Pero Vaz de Caminha em 1500.

Seria então a utilização da internet por parte desse grupo uma busca pela comunicação contra-hegemônica? Estariam eles tentando construir sua narrativa própria acerca de sua identidade e de sua cultura? A internet pode ser um meio facilitador do diálogo entre esses grupos minoritários e invisibilizados e os ocupantes do espaço urbano?

### **A hegemonia dos *media* e a subalternidade dos excluídos**

A reflexão sobre as manifestações culturais brasileiras que não protagonizam espaços de enunciação no grande mercado de produção e circulação cultural configura-se como passo inicial para qualquer pesquisa que toma o ciberespaço como objeto de estudo. A importância dessa reflexão deriva do fato de que ao se buscar possíveis razões para a utilização de novas ferramentas da informação por grupos subalternos, é preciso antes compreender aspectos relacionados à importância política de visibilidade e de representação já que entende-se aqui que o ciberespaço é um lugar social que propicia o surgimento de novas falas e narrativas.

Nesse sentido, como aponta Maria Luisa Mendonça (2009), é necessário identificar as maneiras como são representados os grupos minoritários, as políticas de



visibilidade e de ocultamento, os preconceitos e estereótipos criados e divulgados pela grande mídia.

É a partir do conhecimento das estratégias hegemônicas de designar a cada um o seu lugar no mundo, com a naturalização das vicissitudes e opressões a que são cotidianamente submetidos indivíduos e grupos subalternos, que se pode contestar valores e hierarquias, elaborar meios de resistência e de transformação. Por outro lado, é necessário que também se identifiquem as condições que propiciam o surgimento e a apropriação de novos lugares de enunciação. (MENDONÇA, 2009, p. 39)

As “estratégias hegemônicas de designar a cada um o seu lugar no mundo” fazem parte de um *modus operandi* generalizado e estimulado pelos tradicionais meios de comunicação de massa. Esse *ethos* midiático historicamente atrelado aos interesses do grande capital não só ocupa um espaço privilegiado de enunciação como também determina quais serão as vozes presentes e ausentes no discurso midiático e como serão reportadas por ele. Nesse contexto, grupos historicamente marginalizados pela imprensa são comumente folclorizados e estereotipados pelos *media*.

A perspectiva da ausência considera que a mídia hegemônica oferece à sua plateia, seja ela qual for, um cardápio restrito e classificatório dos diferentes grupos sociais. Quando oferece. E nesse caso, a reprodução de estereótipos e a construção de narrativas sobre determinados grupos minoritários costumam obedecer a lógicas mercantis em que o exótico, a folclorização ou mesmo a ridicularização desses grupos/indivíduos aparecem como argumento de atração. (MENDONÇA, 2009, p.40)

Exemplos desse tipo de representação podem ser encontrados diariamente nos principais veículos midiáticos brasileiros. Quanto aos grupos historicamente marginalizados, estereotipados e folclorizados, podemos citar vários dentre os quais encontram-se: Movimento Sem Terra (MST), negros, empregadas domésticas, prostitutas, religiosos de várias crenças e indígenas. Tais representações, segundo Mendonça, interferem na constituição do imaginário das pessoas, seduzindo-as e induzindo-as a compartilharem uma mesma visão de mundo.

Sobre a representação estereotipada, preconceituosa e sua incidência maléfica sobre a constituição de subjetividades e de identidades, parte-se do pressuposto de que os discursos não apenas nomeiam a realidade, mas também têm o poder de instaurá-la, fazendo com que a produção discursiva, em suas mais diferentes manifestações – científica, acadêmica, religiosa, tradicional e, neste caso específico,





cultural e midiática -, revista-se de particular importância por permitir, ao mesmo tempo, mapear as construções de sentido predominantes em uma dada sociedade, bem como identificar o lugar social daqueles que detêm o poder da palavra, os que proferem os discursos considerados legítimos e oficiais. (MENDONÇA, 2009, p.40)

Desse modo, conclui a pesquisadora, mídia e construção da realidade tornam-se mutuamente referenciais. O mundo habitado, os valores culturais, o modo de ser e viver, e os comportamentos sociais passam a ser moldados por uma série de fatores que incluem, de forma imperativa, os discursos midiáticos. “Apesar de não se poder falar em determinação, em manipulação, o funcionamento da mídia atua no sentido de reforçar e reafirmar a cultura hegemônica”. (Mendonça, 2009, p. 42-43)

Nesse cenário maniqueísta, deparamo-nos com a necessidade de uma nova articulação de saberes. Das necessidades oriundas da inserção de grupos subalternos nos espaços de enunciação e de produção de conhecimento surgiu um novo espaço que se configura como alternativa à esfera pública burguesa: a ágora virtual. Nela, qualquer cidadão conectado pode se tornar autor da enunciação e narrar por si mesmo seu lugar no mundo.

### **O exemplo de Veja e a réplica Guarani-Kaiowá**

Acampados às margens do Rio Hovy, na Fazenda Cambará - cujo proprietário tentava obter na Justiça a reintegração de posse – um grupo de índios Guarani-Kaiowá chamou a atenção da sociedade civil brasileira ao divulgar, em outubro de 2012, uma carta que foi interpretada como uma ameaça de suicídio coletivo.

“[...] por isso, pedimos ao Governo e à Justiça Federal para não decretar a ordem de despejo/expulsão, mas decretar nossa morte coletiva e enterrar nós todos aqui”<sup>4</sup>. Com estas palavras, interpretadas por milhares de brasileiros como o grito derradeiro de 170 homens, mulheres e crianças, a voz dos Guaranis-Kaiowás foi ampliada e replicada nas redes sociais. Após a divulgação da carta escrita pelo grupo indígena no *facebook* e *twitter* diversos cidadãos, com diferentes graus de entendimento acerca do genocídio, deram início a um diálogo com as lideranças indígenas. Tal diálogo valeu-se apenas do ciberespaço como local de mediação.

---

<sup>4</sup> Trecho extraído da carta publicada no dia 10/10/2011 nas redes sociais pela comunidade Guarani-Kaiowá de Pyelito Kue/Mbarakay-Iguatemi-MS endereçada ao Governo e Justiça do Brasil. Disponível em: <http://frentedeacaopro-xingu.blogspot.com.br/2012/10/justica-brasileira-ordena-expulsao-de.html>



Posteriormente, a liminar foi revogada pelo Tribunal Regional Federal da 3ª Região (TRF3), que autorizou que o grupo permanecesse no local até a conclusão dos estudos antropológicos conduzidos pela Fundação Nacional do Índio (Funai) para verificar se a área se enquadrava como 'território tradicional indígena'.

Após a divulgação da decisão judicial, a revista *Veja* publicou no dia 04 de novembro de 2012 uma matéria que desacreditava a enorme mobilização em prol dos Guaranis-Kaiowás nas redes sociais e instigava dúvidas acerca dos verdadeiros beneficiados pela decisão do TRF3. O artigo assinado pelo jornalista Leonardo Coutinho intitulado “Visão medieval de antropólogos deixa índios na penúria” (<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/titulo-falso-a-ilusao-de-um-paraiso>) é um claro exemplo de texto preconceituoso, mal apurado e instigador de estereótipos culturais.

Em 52 linhas que expressam a visão da Revista *Veja* acerca da demarcação de terras indígenas e de como, na opinião dos jornalistas e editores de *Veja*, tal demarcação por si só não traria benefícios ao modo de viver Guarani-Kaiowá, Leonardo Coutinho reservou apenas duas linhas para relatar trechos da fala de um cacique Guarani-Kaiowá sobre o assunto. Os antropólogos, acusados já no título da matéria por terem uma “visão medieval” que deixaria os índios “na penúria” tampouco foram ouvidos. Também a eles foram reservadas duas linhas para corroborar a tese de Leonardo Coutinho acerca da insuficiência da demarcação de terras indígenas para a melhoria da vida dos Guaranis-Kaiowás.

Já o Conselho Indigenista Missionário, também acusado por *Veja* de “com sua percepção medieval do mundo alimentar a cabeça dos índios da região com a ideia de que o objetivo deles é unir-se contra os brancos em uma grande nação guarani”, sequer teve a chance de expressar sua opinião sobre a temática na matéria, ao contrário, teve sua voz completamente suprimida.

Exemplos como esse podem ser encontrados diariamente nas páginas dos principais jornais do país. Grupos minoritários, como os indígenas brasileiros, têm parte de suas vidas diariamente relatadas de modo preconceituoso e folclorizador. Suas vozes nunca são ouvidas, pois a elas jamais é dado o lugar da enunciação.

No entanto, essa realidade mudou com o engajamento de grupos indígenas no ciberespaço. Por meio do blog <http://atyguasu.blogspot.com.br/>, os Guaranis-Kaiowás não somente publicam textos de autoria própria, como têm a chance de se posicionar sobre matérias como a de *Veja*. Na parte do blog dedicada à análise de mídia, os



Guaranis-Kaiowás publicaram uma nota de repúdio contra a matéria da Revista Veja.

O texto assinado por Tekoha Guasu Guarani e Kaiowá expressa o repúdio e a indignação do grupo com a visão “racista, preconceituosa e discriminatória de Veja”. Por meio do blog da Aty Guasu, estas vozes abafadas na matéria de Veja tiveram a chance de falar por si próprias, tomando para si o lugar da enunciação. Apesar de tímido, a nota de repúdio da Aty Guasu foi um importante passo em direção à comunicação contra-hegemônica.

### **Considerações finais**

Martín-Barbero (2010) acredita que o fortalecimento de uma cultura cidadã equivale ao aumento da capacidade de regular os comportamentos dos outros através do aumento da própria capacidade expressiva e dos meios para entender o que o outro trata de dizer. De acordo com Pierre Lévy, o ciberespaço não somente permite que qualquer um se exprima como autoriza um grau de acesso à informação superior a tudo aquilo que se podia experimentar antes. “Os cibercidadãos expõem as ideias em seus websites e a prática do diálogo nas comunidades virtuais habitou-se à discussão, à deliberação pública. Sendo capazes de exprimir-se, eles esperam agora ser ouvidos.” (LÉVY, 2010, p.376)

Quando Habermas (1984) descreveu o surgimento da esfera pública burguesa, a *Ágora* que ali se apresentava impescindia da comunicação face a face. Atualmente, no entanto, muitos pesquisadores como Martín-Barbero, Antoun, Castells, Lévy, Lemos, dentre outros, têm mostrado as inúmeras possibilidades da comunicação mediada pelas novas tecnologias da informação. O cenário que se desdobra com o surgimento do ciberespaço é um terreno fértil para novas pesquisas na área da comunicação.

Pessoalmente acredito que a comunicação horizontal mediada pela internet abre várias possibilidades para a comunicação contra-hegemônica. Embora muito ainda deva ser percorrido no caminho rumo à uma sociedade verdadeiramente democrática, há que se reconhecer a importância do exercício da cidadania por parte de todos os cidadãos brasileiros, dentre os quais encontram-se os povos indígenas que habitam o território nacional. Se por meio da internet esses povos encontram uma forma de exercer um protagonismo político e cultural – ainda que virtual – é mister reconhecer nas



tecnologias da informação uma ferramenta extremamente virtuosa para o amadurecimento da nossa jovem democracia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2008.

ANTOUN, Henrique. **Participação e vigilância na era da comunicação distribuída.** Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Internet e sociedade em rede.** In: MORAES, Dênis (org). *Por uma outra comunicação.* Rio de Janeiro: Record, 2010.

\_\_\_\_\_. **Redes de Indignação e Esperança.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COUTINHO, Leonardo. **Visão medieval de antropólogos deixa índios na penúria.** Veja, 04 de novembro de 2012. Disponível em < <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/titulo-falso-a-ilusao-de-um-paraiso> > Acessado em 01/03/2014.

IANNI, Octavio. **A sociedade Global.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

Kaiowá-Guarani. **Nota de repúdio da Aty Guasu frente à divulgação de Guarani e Kaiowá na Revista Veja.** Blog da Aty Guasu, 04 de novembro de 2012. Disponível em < <http://atyguasu.blogspot.com.br/2012/11/nota-de-repudio-da-aty-guasu-frente.html> > Acessado em 01/03/2014.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. **Pela ciberdemocracia.** In: MORAES, Dênis (org). *Por uma outra comunicação.* Rio de Janeiro: Record, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Globalização comunicacional e transformação cultural.** In: MORAES, Dênis (org). *Por uma outra comunicação.* Rio de Janeiro: Record, 2010.

MENDONÇA, Maria Luisa Martins de. **As múltiplas faces da cultura.** In: MENDONÇA, Maria Luisa Martins de (org). *Mídia e diversidade cultural, experiências e reflexões.* Brasília: Casa das Musas, 2009.



**Fontes Eletrônicas**

<http://atyguasu.blogspot.com.br>

<http://frentedeacaopro-xingu.blogspot.com.br>